

**Gaboriau e o romance judiciário no Brasil.**ANA PORTO<sup>1</sup>

Émile Gaboriau se tornou referência como parte da história do romance policial. Obras que analisam a história do gênero o citam como um dos três autores que deram origem às técnicas dos policiais (entre Edgar Allan Poe e Arthur Conan Doyle)<sup>2</sup> Bonniot, ao comentar sobre o primeiro romance do escritor, nota que ele “anteviu” as técnicas do gênero: “é impressionante que *L’Affaire Lerouge* responde, antecipadamente, às principais recomendações feitas meio século mais tarde aos autores de obras policiais”.<sup>3</sup>

Gaboriau, em poucos anos,<sup>4</sup> se tornou famoso entre o público. *L’Affaire Lerouge* foi escrito em 1865 e publicado no *Le Soleil*, jornal de Moïse Millaud, saindo logo em seguida sob a forma de volume pela editora de Édouard Dentu, que obteve exclusividade de publicação. Millaud fazia a propaganda do volume nas páginas do *Le Petit Journal*, periódico que também lhe pertencia: “esse *L’Affaire Lerouge* que fez tanto sucesso no *Le Soleil*.”<sup>5</sup> Garantindo a exclusividade das publicações de Gaboriau, Dentu se cercava dos anúncios feitos nas folhas de Millaud que, por outro lado, tinha os direitos de publicação dos romances do escritor nos seus jornais (*Le Petit Journal*, *Journal Illustré*, *Journal Politique*, *Le Soleil* e *Nouvel Illustré*).<sup>6</sup>

Entre abril de 1866 e abril de 1872, Gaboriau escreveria todos os seus romances de sucesso, sendo que apenas o último não foi publicado pelo *Le Petit Journal*: *L’Affaire Lerouge* (1866),<sup>7</sup> *Le*

<sup>1</sup> Pesquisadora de pós-doutorado no Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos Literários da Unicamp. Pesquisa com financiamento da Fapesp.

<sup>2</sup> Entre outros, Bourdieu, Jean. *Histoire du roman policier*. Paris, Édition de Fallois, 1996; Mandel, Ernest. *As delícias do crime. História social do romance policial*. São Paulo: Busca Vida, 1988; Boileau-Narcejac. *O romance policial*. São Paulo: Ática, 1991; Murch, A.E. *The development of the detective novel*. New York: Philosophical Library; 958, Bonniot, Roger. *Emile Gaboriau ou la naissance du roman policier*. Paris: Libraire Philosophique J. Vrin, 1985.

<sup>3</sup> Bonniot, Roger. *op.cit.*, p. 142. Traduções feitas por mim.

<sup>4</sup> Gaboriau teve uma vida curta (nasceu em 1831 e morreu em 1873). Já produzia obras desde o início da década de 1860, mas obteve grande sucesso apenas após a publicação de *L’Affaire Lerouge* (ver Roger Bonniot. *op. cit.* e Murch, E.A. *op.cit.*)

<sup>5</sup> *Apud* Bonniot, R. *op.cit.* p. 145. O autor coloca a citação entre aspas, mas não fornece a referência.

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*, capítulo XIV.

<sup>7</sup> *L’Affaire Lerouge* foi escrito em 1864, de acordo com Bonniot, e publicado inicialmente no *Le Soleil* em 1866 (Bonniot, R. *op.cit.*, p. 138). Murch comenta sobre a publicação de “algumas partes” no *Le Soleil* em 1865 (Murch, A.E.*op.cit.*, p. 122).

*Crime d'Orcival* (1866-67), *Le Dossier n°113* (1867), *Les esclaves de Paris* (1867-68), *Monsieur Lecoq* (1868), *La Vie infernale* (1869), *La Clique dorée* (1870), *La Dégringolade* (1870), *La corde au cou* (1871), *L'Argent des autres* (1872), além de uma obra mais concisa, também nas páginas do *Le Petit Journal*, cujo nome é *Le petit vieux des Batignolles*.

Sob a forma de livro, Dentu publicava os seus romances até a década de 1880, sendo algumas das edições ilustradas, mas editores de outros países europeus obtiveram autorização para a tradução das obras de Gaboriau. Assim, Steinitz, em 1868, teve o direito exclusivo de traduzir para o alemão *Monsieur Lecoq*, *Le Dossier n°113*, *La vie infernale* e *La Clique dorée*; o editor de Milão Eduardo Sonzogno fez circular os seus romances por toda a Itália; houve traduções para o público inglês através de contratos feitos diretamente com o escritor.

De acordo com Marius Topin, *L’Affaire Lerouge* fez a fortuna de Gaboriau e do *Le Petit Journal*.<sup>8</sup> *Roman judiciaire* se referia, naquele momento, a um novo gênero criado por Gaboriau. O *Le Petit Journal* constatava (ao mesmo tempo em que fazia publicidade), que o escritor estava “na moda” e que havia “imitadores”, embora continuasse sendo o “mestre do gênero que criou.”<sup>9</sup> *Le Temps*, após a morte de Gaboriau em 1873, apontava-o como um “escritor muito sério, um dos primeiros de um gênero secundário,” sendo que as suas obras mais relevantes foram *L’Affaire Lerouge*, *Le Crime d’Orcival*, *Le Dossier n°113* e *Monsieur Lecoq*. Sobre o romance judiciário comentava: “criou-se numerosos discípulos do *roman judiciaire* e hoje em dia a sua veia ainda não está esgotada. Esta situação ainda será assim por muito tempo em um país que faz da sua leitura as *Causes célèbres*”<sup>10</sup>

De fato, as obras de Gaboriau dialogavam com outras formas de escritas típicas da época, que tinham bastante sucesso de público e das quais o *Le Petit Journal* se tornou uma referência. Assim, não é de se estranhar que o início de *Le Dossier n°113* seja um *fait divers* sobre um “roubo bastante considerável que levou ao prejuízo um banqueiro da capital e foi realizado por malfeitores de uma audácia e uma habilidade extraordinárias”.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> Bonniot, R.. *op.cit.*, p. 145.

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p. 149.

<sup>10</sup> *Apud* Bonniot, R.. *op. cit.*, p. 331.

<sup>11</sup> Gaboriau, Émile. *Le dossier n°113*. Paris: E. Dentu Éditeur, 1867, p.1, disponível em <http://gallica.bnf.fr>, acesso em 30/07/2012.

Ao longo do século XIX houve, na França, as folhas especializadas nos *affaires judiciaires* como a *Gazette des Tribunaux* desde 1825, o *L'Audience* (entre 1873 e 1884). Kalifa aponta para a profissionalização de uma “escrita jornalística que fundava sua estratégia precisamente sobre a capacidade de dizer a ‘verdade’”.<sup>12</sup> Esta forma de narrar estava nos *fait divers*, em periódicos especializados ou em crônicas, como as de Albert Bataille no *Figaro*, considerado o mais famoso cronista judiciário.<sup>13</sup> Esse tipo de narrativa tinha um caráter aparentemente informativo e se firmava como um gênero que buscava a isenção de opinião, ou seja, dizia o que “realmente aconteceu”.

Com efeito, não era apenas isso que ocorria. A leitura de uma dessas crônicas mostra que havia uma recorrência evidente a recursos literários e o caráter informativo era moldado para tornar a leitura mais agradável. O romance judiciário não se distanciava dessas narrativas e, possivelmente, os seus leitores eram os mesmos que se interessavam pelos julgamentos e crimes. O diferencial estava na centralidade da figura do investigador, amador ou profissional e, em consequência, na descoberta do crime. Marius Tropin comenta, em *La Presse* (1875), que este caráter da ciência da dedução, da arte do encadeamento das provas e ainda da instrução dos casos colocava a obra de Gaboriau no centro das produções de amplo consumo da época.<sup>14</sup> Portanto, havia uma complexidade de sentidos fornecidos ao romance judiciário que indicam aproximações com produções jornalísticas sobre crimes cotidianos, como as crônicas dos *Tribunaux* ou os *fait divers*. Contudo, havia a criação de algo inovador que estava na maneira de revelar o crime e o criminoso.

Kalifa, ao analisar as narrativas de crime na França da *Belle Époque*, aponta que a obra de Gaboriau “permanece profundamente composta, associando ao princípio dedutivo de intermináveis divagações e narrativas retrospectivas, a relação ao melodrama tradicional”.<sup>15</sup> Segundo o autor, *L’Affaire Lerouge* tem um início bastante “policia”, mas apresenta uma intriga sentimental em um dos capítulos. Por outro lado, *Le Crime d’Orcival* se prende mais às técnicas de descoberta do crime, sendo o seu romance “mais policia”. De acordo com o pesquisador, sua

<sup>12</sup> Kalifa, Dominique. *Crime et culture au XIXe siècle*. Paris: Perrin, 2005, p. 137.

<sup>13</sup> Kalifa, Dominique. *L’encre et le sang. Récits de crime et société à La Belle Époque*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1995, p. 277.

<sup>14</sup> *Apud* Bonniot, R.. *op.cit.*, p. 334.

<sup>15</sup> Kalifa, Dominique. *L’encre et le sang...*, p. 30.

obra foi “híbrida” e “um exemplo perfeito daquelas formas transitórias onde o ‘policial’ aparecia progressivamente do ‘popular’”.<sup>16</sup>

Dubois, ao analisar o policial na época de Gaboriau utiliza diversos termos, sendo que *roman policier* é sinônimo de *roman judiciaire*. “Romance policial” (ainda neste contexto) não tem relação com o que passou a ser conhecido após a década de 1920 como *detective novel*. Para reafirmar esta suposição, torna-se relevante notar que Dubois se utiliza de diversas palavras em seu texto, apontando para a diluição de significados do *roman policier*. Entre eles: *récit policier*, *récit de police*, *récit d’enquête*, *fiction policière*, *narration policière*, *roman d’enquête*, *récit d’énigme*.<sup>17</sup>

Produções voltadas especificamente ao crime apresentavam um consumo crescente e marcavam a aceleração do processo de integração cultural e social das classes dominadas: “(...) por sua função catártica e o progressivo desvio para o imaginário das transgressões que assinala, mas também pela sua ativa produção de fala e coesão social. Colocando a cada dia os incidentes da véspera, focalizando a atenção sobre os lugares, os gestos ou os atores ordinários, essas narrativas se constituem tanto de marcas de reconhecimento ou de identidade, que acompanham a apropriação da cidade por todos aqueles que a ocupam.”<sup>18</sup> Tinham, de acordo com Kalifa, um importante papel na constituição e estruturação do espaço público.

Formas narrativas que circulavam através da imprensa francesa neste período ultrapassaram o Oceano Atlântico e aportaram no Brasil. As referências à França são inúmeras, chamando atenção a tradução de folhetins franceses em que o espaço de tempo da publicação no Brasil era o de uma viagem atlântica de pacote. O romance judiciário fez parte desta leva de publicações, às quais não se sabe se foram “pirateadas” através da tradução de um folhetim ou um volume no Brasil ou negociadas com Gaboriau, como foi indicado por Roger Bonniot em relação a outras nações europeias.

## Repercussões literárias francesas no Brasil.

<sup>16</sup> *Idem, ibidem*, p. 30. Aspas em “policial” no original.

<sup>17</sup> Dubois, Jacques. *op.cit.*.

<sup>18</sup> *Idem, ibidem*, p. 145-6.

Gaboriau era conhecido do público brasileiro. Segundo Hallewell, figurava entre os autores franceses mais traduzidos.<sup>19</sup> B. L. Garnier, na coleção Biblioteca da Algeira publicou *A vida infernal*, *A corda na garganta* e *O crime de Orcival*. O periódico ilustrado *O Mosquito*, na seção inicial de agradecimentos, dispensava comentários sobre a tradução d’*O crime de Orcival*, pois se tratava de um “romance de Gaboriau, autor já bem conhecido”.<sup>20</sup> Ao mesmo tempo, o *Diário do Rio de Janeiro* exibia no espaço do rodapé *Vida Infernal*,<sup>21</sup> reafirmando a sua aceitação entre os leitores brasileiros. O *Correio Paulistano* estampava, nas páginas de rodapé, *História de um crime célebre* e *Processo Lerouge* tinha edição da Tipografia do Correio Pernambucano.

A tradução de autores estrangeiros era prática comum nos jornais brasileiros do século XIX.<sup>22</sup> A literatura folhetinesca, muitas vezes traçada por romances longos que ocupavam o espaço do rodapé por anos, chegava ao Brasil quase ao mesmo tempo em que era publicada na França, como se pode notar pela tradução de *Mistérios de Paris* de Eugène Sue entre 1844 e 1845 por Justiniano José da Rocha.

O romance judiciário estava inserido neste mesmo contexto que fazia com que a França ocupasse um espaço preponderante na cultura brasileira. Um anúncio na *Gazeta de Notícias*, em 1876, revela a presença desses romances entre os leitores brasileiros. Ao publicar a primeira parte d’ *O Ventríloquo*, de Xavier de Montépin, uma pequena nota de propaganda dizia o seguinte: “No *Ventríloquo*, Xavier de Montépin além das peripécias em que é fértil a sua imaginação, faz o romance judiciário, à imitação de Gaboriau. Logo aos primeiros capítulos, fica presa a atenção para um fato criminoso envolto em grandes mistérios, que hábeis agentes de polícia conseguem descobrir.”<sup>23</sup> Escrever uma parte inicial “à imitação de Gaboriau” mostra que esse tipo de narrativa foi reconhecido como algo derivado de suas produções, tornando-o uma referência do gênero. Mesmo que *O Ventríloquo* não fosse identificado na íntegra como romance judiciário,

<sup>19</sup> Entre Julio Verne e Xavier de Montépin. Laurence Hallewell. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, Edusp, 1985, p. 137.

<sup>20</sup> *O Mosquito*. Rio de Janeiro, 6.12.1873.

<sup>21</sup> *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, entre 05.05.1873 e 17.12.1873.

<sup>22</sup> Sobre os folhetins que circularam em alguns jornais do Rio de Janeiro ver a tese de Ilana Heineberg. *La suite au prochain numéro : Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870)* - Orientadora: Mme Jacqueline Penjon – Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 2004.

<sup>23</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27.12.1876.

pode-se supor que, ao menos, este fato foi chamariz para aumentar o interesse na leitura do folhetim.

Em *O crime de Orcival*, o agente se apresentava como um homem diferenciado. Na tradução (“da versão em francês”) de B. L. Garnier, Lecoq rememora o seu passado. Ele trabalhava como calculista para um astrônomo e tinha um “espírito fértil em combinações” que o levava a “inventar uma operação, por meio da qual se roubariam duzentos mil francos a qualquer banqueiro”. De acordo com o personagem neste romance: “Eis porque, sendo honesto e querendo forçosamente utilizar a aptidão com que me tinha mimoseado a natureza, oito dias depois, despedia-me do astrônomo e entrava na prefeitura. Com medo de tornar-me ladrão, fiz-me agente de polícia.”<sup>24</sup>

Estaria na delimitação pela *natureza* que Lecoq tinha anseios que o levariam a cometer crimes. Assumia a profissão de agente de polícia como forma de exercer uma capacidade intrínseca ao seu caráter que não poderia ser reprimida. Mesmo considerando que a obra de Lombroso, a qual se referia ao fato de que existiam alguns criminosos dotados de um “verdadeiro gênio”,<sup>25</sup> saiu após a primeira publicação d’ *O crime de Orcival* na França, não se pode desconsiderar que a ideia de que o criminoso poderia ser alguém fora do padrão regular fazia parte da ficção realizada ao longo do século XIX europeu, às quais o transformavam em um homem admirado por seus feitos.<sup>26</sup> Além disso, Morel já havia elaborado a teoria da degenerescência em 1857.<sup>27</sup> Gaboriau pode ter se apropriado tanto das discussões realizadas pelos especialistas quanto dos significados das ficções sobre os criminosos para construir o seu personagem principal.

<sup>24</sup> Emilio Gaboriau. *O crime de Orcival*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1873, p. 122 (o nome do autor foi traduzido pelo editor).

<sup>25</sup> Cesare Lombroso. *L’Homme criminel, criminel-né, fou moral, épileptique*. 1ª edição de 1876.

<sup>26</sup> Penso, por exemplo, na *Newgate novel* inglesa e no criminoso condenado à forca Jack Sheppard analisado por Peter Linebaugh no capítulo 1 de *The London hanged. Crime and civil society in the Eighteenth Century*. London: Penguin Books, 1991. Sobre a *Newgate novel*, ver Keith Holliningsworth. *The Newgate novel (1830-1847)*. Detroit: Wayne University Press, 1963. *Les Habits Noir* (1863) de Paul Féval foi uma série de narrativas que retratava um grupo de ladrões – uma “gang” de reconhecidos assaltantes, em que um deles, chamado Lecoq, era esperto, inteligente e astuto. Murch, E.A.. *op.cit.* Ver, também, *Mémoires de Vidocq, chef de la police de Sûreté, jusqu’en 1827*. Paris: Tenon, Libraire-Éditeur, 1829.

<sup>27</sup> *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l’espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives*. Sobre o tema, ver Harris, Ruth. *Assassinato e loucura. Medicina, leis e sociedade no fim de siècle*. Rio de Janeiro : Rocco, 1993, pp. 61-3.

Ferri indica, em obra escrita no final do século XIX, que nos romances judiciários havia, também, “uma laboriosa instrução judiciária [que] excita a atenção do leitor”<sup>28</sup> e que “estes romances dão uma ideia, senão muito fiel ao menos aproximada, das manobras da polícia e dos bastidores dos tribunais”.<sup>29</sup> Em “O assassino de Marieta” – primeira parte de *O Ventríloquo* – o romance judiciário influenciara o personagem central da trama, Jobin, o agente de polícia: ele os “devorava” nos seus anos de juventude: “Como era natural, o herói dessas hábeis narrativas em que um interesse pungente aumentava a cada linha, e metia, por assim dizer, a faca aos peitos do leitor (relevemos a expressão) foi o agente de polícia (...)”<sup>30</sup>

Os leitores brasileiros também se interessavam por crimes e seus desfechos tanto nos romances quanto no Tribunal. Assim, mesmo que houvesse uma diferença considerável entre o grau de alfabetização na França da época de Gaboriau e no Brasil da década de 1870, pode-se dizer que os donos de jornais e os editores brasileiros driblaram o problema da leitura. Assim, em 1873, um grande crime ocorrido em São Luís do Maranhão e julgado no Rio de Janeiro ocupou espaço em diversos jornais do país e, na Corte, imprimiram-se romance, debate entre os advogados (os quais eram muito populares), notícias na imprensa, mas também, retratos da vítima e histórias contadas sob a forma de imagens nas folhas ilustradas.<sup>31</sup> Todas essas narrativas partiam do inquérito policial realizado pelo delegado assim que ocorrera o crime, o qual possuía detalhes mórbidos das principais cenas da morte de Maria da Conceição.

Além disso, a partir da década de 1870, narrativas de crime começavam a se tornar uma realidade nos periódicos sob a forma de notícias, folhetins e volumes, indicando a possibilidade da existência de uma cultura midiática e massificada no Brasil neste momento, mesmo considerando uma das características mais complexas do fenômeno, a simultaneidade da informação no país.<sup>32</sup> O “crime do desembargador Pontes Visgueiro” ocorrido no Maranhão foi um dos primeiros a gerar reproduções em vários lugares do país e a chamar a atenção de todas as

<sup>28</sup> Ferri, Enrico. *Os criminosos na arte e na literatura*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1923, (1ª edição de 1895), p. 87.

<sup>29</sup> *idem, ibidem*, p. 92.

<sup>30</sup> “O assassino de Marieta”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11.01.1877.

<sup>31</sup> Sobre o assunto ver a minha tese de doutorado Porto, Ana Gomes. *Novelas sangrentas. Literatura de crime no Brasil (1870-1920)*. Tese de Doutorado. Depto. de História. IFCH-Unicamp, Campinas-S.P., 2009.

<sup>32</sup> De acordo com Mollier, Jean-Yves sobre a França na segunda metade do século XIX. Ver L’Emergence de la culture de masse dans le monde”, em Mollier, Jean-Yves, Sirinelli, Jean-François e Vallotton, François. *Culture de masse et culture médiathique en Europe et dans les Amériques. 1860-1940*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

camadas sociais. Portanto, ao contrário do que aponta Denis Rolland, que sugere uma “cultura de massa tardia” no Brasil, a qual ocorreria apenas com o advento do rádio e, principalmente, da televisão,<sup>33</sup> pode-se supor, pela quantidade de jornais que são criados nas décadas finais do século XIX e pelos sucessos das narrativas de crime, que não foi bem assim. Da mesma forma, a literatura pornográfica analisada por Alessandra El Far não deixa dúvidas do sucesso de algumas histórias e retiram a condição de um país ligado à “oralidade”.<sup>34</sup>

Gaboriau e o romance judiciário certamente se adaptaram ao gosto do público brasileiro. A temática do crime se remetia a uma leitura que “metia a faca aos peitos do leitor”. Ou, para utilizar um termo comum na descrição de crimes cotidianos, “causava sensação”.<sup>35</sup> Assim, não bastava um personagem que conduzisse a investigação de forma diferenciada. Havia a necessidade de eventos narrados de *determinada forma* para a descrição das investigações.

O romance judiciário se tornara um gênero que indicava uma leitura com um certo *efeito*. Este era fornecido pelos acontecimentos relacionados aos “dramas do Tribunal” e pela construção narrativa centralizada no desvendamento do crime e na captura do criminoso. Tratava-se de unir eventos que já traziam, intrinsecamente vinculados a eles, um tom de mistério e suspense a uma construção literária que narrava passo a passo o caminho do agente, personagem chave para criar ainda mais efeitos sensacionais.

Essa característica era incorporada pelas notícias de crime no Brasil. Exibindo um discurso muito próximo daquele apresentado pela polícia, os periódicos reinventavam no espaço do jornal uma outra forma de apresentação, mais ágil e adaptada para criar um efeito impressionante no leitor e gerando, também, sensação. Inicialmente, não se notava, de forma evidente, semelhança com o mesmo processo na França. Porém, a partir dos anos finais do século XIX, as “notícias diversas” (espaço das notícias de crime) não escondiam a semelhança com os *fait divers*

---

<sup>33</sup> Dennis Roland aponta que, na década de 1860 no Brasil, “a cultura brasileira ligada à grande difusão no espaço nacional é essencialmente oral: ligada à canção popular, associada também à literatura de cordel no Nordeste”. Rolland, Dennis. “Brésil: une culture de masse tardive, liée à l’oralité et au changement de referent extérieurs”. In Mollier, Jean-Yves, Sirinelli, Jean-François e Vallotton, François. *Culture de masse et culture médiatique en Europe et dans les Amériques. 1860-1940*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006, p. 160.

<sup>34</sup> El Far, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>35</sup> Discuto a “estética do sensacional” na minha tese de doutorado. Porto, Ana Gomes. *op.cit.*

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

franceses.<sup>36</sup> “Diversa”, neste contexto, poderia se remeter a “variadas”, mas também a “fora do normal”, “desviante”. Portanto, fazia jus ao criminoso, ao homem desviante e fora do padrão regular. Característica importante de M. Lecoq, agente da polícia.

## Bibliografia

### Periódicos

*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro

*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro

*O Mosquito*. Rio de Janeiro, 6.12.1873.

### Livros

Boileau-Narcejac. *O romance policial*. São Paulo: Ática, 1991.

Bonriot, Roger. *Emile Gaboriau ou la naissance du roman policier*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1985.

Bourdieu, Jean. *Histoire du roman policier*. Paris, Édition de Fallois, 1996.

Rolland, Denis. “Brésil: une culture de massa tardive, liée à l’oralité et au changement de referent extérieurs”. In Mollier, Jean-Yves, Sirinelli, Jean-François e Vallotton, François. *Culture de masse et culture médiathique en Europe et dans les Amériques. 1860-1940*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

El Far, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Emilio Gaboriau. *O crime de Orcival*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1873.

Ferri, Enrico. *Os criminosos na arte e na literatura*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1923.

Gaboriau, Émile. *Le dossier n°113*. Paris: E. Dentu Éditeur, 1867.

Harris, Ruth. *Assassinato e loucura. Medicina, leis e sociedade no fin de siècle*. Rio de Janeiro : Rocco, 1993.

Heineberg, Ilana. *La suite au prochain numéro : Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil*

---

<sup>36</sup> Sobre notícias de crime ver o meu mestrado Porto, Ana Gomes. *Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano*. IFCH, Unicamp, Campinas, S.P., 2003.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

(1839-1870) - Orientadora: Mme Jacqueline Penjon – Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, 2004.

Kalifa, Dominique. *Crime et culture au XIXe siècle*. Paris: Perrin, 2005.

Keith Holliningsworth. *The Newgate novel (1830-1847)*. Detroit: Wayne University Press, 1963.  
Hallerwell, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, Edusp, 1985.

Mandel, Ernest. *As delícias do crime. História social do romance policial*. São Paulo: Busca Vida, 1988.

Mollier, Jean-Yves. “L’Emergence de la culture de masse dans le monde”. In Mollier, Jean-Yves, Sirinelli, Jean-François e Vallotton, François. *Culture de masse et culture médiatique en Europe et dans les Amériques. 1860-1940*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

Murch, A.E. *The development of the detective novel*. New York: Philosophical Library

Porto, Ana Gomes. *Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano*. IFCH, Unicamp, Campinas, S.P., 2003.

\_\_\_\_\_. *Novelas sangrentas. Literatura de crime no Brasil (1870-1920)*. Tese de Doutorado. Depto. de História. IFCH-Unicamp, Campinas-S.P., 2009.